

# A memória da cidade de São Paulo: ensaios periféricos, palimpsesto e *tabula rasa*

## The memory of the city of São Paulo: peripheral assays, palimpsest and *tabula rasa*

## La memoria de la ciudad de São Paulo: ensayos periféricos, palimpsesto y *tabula rasa*

---

Danilo da Costa Morcelli<sup>1</sup>

---

Recebido em: 29/9/2014

Aceito para publicação em: 13/3/2015

**Resumo:** Na dinâmica de São Paulo há um processo de contínua destruição e reconstrução da cidade ao longo dos séculos, implicando a ideia de que tudo é novo e passível de ser substituído. Nesse processo a noção de *tabula rasa* (em que ocorre a destruição de partes da cidade para a construção do novo) e de palimpsesto (a cidade com suas diversas escritas, revelando tempos pretéritos) pode contribuir para as reflexões sobre as dinâmicas ocorridas em São Paulo. A prática do fazer *tabula rasa* é particularmente danosa para a cidade, ocorrendo o apagamento de partes significativas de sua memória e de sua história. Longe de evidenciar as partes

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciência pelo Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política pela Universidade de São Paulo (USP) – bolsista Fapesp –, orientado pela Profa. Dra. Silvia Helena Zanirato. Bacharel em Gestão Ambiental. Atualmente é pesquisador júnior no Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD – ONU).

“apagadas”, propõe-se aqui refletir sobre a dinâmica no processo de constituição da cidade por intermédio de um recorte memorialístico.

**Palavras-chave:** São Paulo; memória; palimpsesto; *tabula rasa*.

**Abstract:** In the dynamics of the city of São Paulo there has been a process of continuous destruction and reconstruction of the city over the centuries, implying the notion that everything is new and likely to be replaced. In this process the concept of *tabula rasa* – in which destruction of parts of the city occurs for construction of the new – and palimpsest – the notion of the city with its various writings, revealing past times – can contribute to reflections on the dynamics occurring in the city of São Paulo. The practice of making *tabula rasa* is particularly detrimental to the city, causing the destruction of significant parts of its memory and its history. Rather than showing the “erased” parts, what is proposed here is to reflect on the dynamics in the city’s process of constitution through a memorialistic clipping.

**Keywords:** São Paulo; memory; palimpsest; *tabula rasa*.

**Resumen:** En la dinámica de la ciudad de *São Paulo* se produce un proceso de continua destrucción y reconstrucción de la ciudad durante los siglos, lo que implica la noción de que todo es nuevo y puede ser sustituido. En este proceso el concepto de *Tabula rasa* – donde se produce la destrucción de partes de la ciudad para la construcción de lo nuevo – y palimpsesto – la noción de la ciudad con sus diversos escritos, revelando el pasado – pueden contribuir a la reflexión sobre las dinámicas que ocurren en la ciudad. La práctica de hacer *Tabula rasa* es particularmente perjudicial para la ciudad, donde se produce la eliminación de una parte significativa de su memoria y de su historia. Lejos de mostrar aquí las porciones “borradas”, que se propone aquí es aclarar y reflexionar sobre la dinámica del proceso de construcción de la ciudad a través de un recorte de sus memorias.

**Palabras clave:** São Paulo; memoria; palimpsesto; *tabula rasa*.

“Poucas vezes na história do urbanismo terá ocorrido um fenômeno semelhante, uma cidade reconstruída duas vezes sobre o mesmo assentamento. A descoberta de uma cidade inteiramente construída de barro surpreendeu os viajantes no início do século XIX [...] Há um século, a cidade contava com trinta mil habitantes e, a partir do momento em que a ferrovia chegou com as novas terras produtoras de café, a cidade conheceu um crescimento incontrolado. Crises econômicas, revoluções, guerras, nada conseguiu infletir sua curva de crescimento. Com os imigrantes vieram novas técnicas de construir e a cidade foi reconstruída integralmente, disso resultando uma nova imagem: a metrópole do café.”  
*Benedito Lima de Toledo (2007), sobre a “segunda fundação” da cidade de São Paulo, na qual a antiga cidade de taipa e pau-a-pique foi reconstruída integralmente com influência da arquitetura europeia*

“[...] Fala-se tanto de memória porque ela não existe mais. A curiosidade pelos lugares onde a memória se cristaliza e se refugia está ligada a este momento particular da nossa história. Momento de articulação onde a consciência da ruptura com o passado se confunde com o sentimento de uma memória esfacelada, mas onde o esfacelamento desperta ainda memória suficiente para que se possa colocar o problema de sua encarnação. O sentimento de continuidade torna-se residual aos locais. Há locais de memória, porque não há mais meios de memória [...]”  
*Pierre Nora (1981)*

## INTRODUÇÃO

O *palimpsesto* era um pergaminho cuja escrita era raspada para reaproveitamento por outro texto. Porém a raspagem efetuada não conseguia apagar todos os caracteres precedentes, que por vezes ainda ficavam visíveis e apresentavam dessa forma sucessivas escritas superpostas, possibilitando uma recuperação dos textos anteriores. De acordo com Sandra Pesavento (2005, p. 114-115), essa é uma imagem arquetípica para a leitura da cidade. Em seus dizeres:

Neste espaço construído, a passagem do tempo altera as formas, seja pela destruição das mais antigas – entendidas como superadas, anacrônicas, não funcionais ou suficientemente desgastadas para serem substituídas – seja pela adaptação e composição com novas formas, onde fachadas modernas ocultam velhas estruturas, seja ainda pela atividade, regeneradora ou destrutiva, de uma preocupação de preservação, que entende tais elementos do espaço construído como patrimônio. Em termos gerais, uma Cidade abriga todos estes tipos de espaço construídos, em múltiplas combinações possíveis, por superposição, substituição ou composição.

A cidade de São Paulo, nos dizeres de Benedito Lima de Toledo – em seu livro *São Paulo: três cidades em um século* (2007) –, pode ser vista como um palimpsesto<sup>2</sup> que de tempos em tempos tem sua “escrita” raspada, para que uma nova “escrita” se faça. Por diversas vezes, ao longo dos séculos, a cidade foi “reconstruída”, mudando consideravelmente suas feições.

Essa “escrita”, que se oculta sob outra, deixa traços e vestígios – ou, conforme os dizeres de Milton Santos (2002), “rugosidades” – que podem ser recuperados, quando não por intermédio dos traços materiais, por meio da memória, das recordações e das lembranças (PESAVENTO, 2005). Porém alguns processos de “escrita” se fazem de tal forma que apagam totalmente as marcas do que outrora estava no espaço transformado, pressupondo a noção de *tabula rasa*<sup>3</sup>. Esse é o caso da cidade de São Paulo.

São Paulo é uma cidade em que constantemente ocorre “*tabula rasa*” nos vestígios de seu passado. Para Leonardo Benevolo – prefaciador do livro de Toledo (2007) –, São Paulo transforma-se tão rapidamente a ponto de apagar no espaço de uma vida humana as marcas da geração anterior. Em função da rapidez das transformações, as lembranças são mais duradouras que o cenário construído, e não encontram nele um apoio e um reforço.

De acordo com Glória Alves (2004, p. 286), “a destruição de espaços do passado em nome da modernização, até pelo pouco poder de mobilização e contestação [da] [...] sociedade brasileira até meados dos anos 1980, era um fato ‘normal’ e aceito por boa parcela da população”. Em nome de um ideal de progresso, destruíam-se o que era considerado velho e arquitetonicamente ultrapassado e criava-se o novo, o moderno, o dinâmico, mas que era fugaz, a ponto de em curto período de tempo ser novamente modificado (ALVES, 2004).

<sup>2</sup> Palimpsesto é uma palavra grega surgida no século V a.C. A escassez de pergaminhos do século VII ao IX generalizou os palimpsestos (PESAVENTO, 2005).

<sup>3</sup> O termo corresponde a tábuas cobertas com fina camada de cera utilizadas para escrita, a qual era feita por meio de incisões. Estas podiam ser totalmente apagadas, de modo a tornar possível escrever de novo sobre a *tabula rasa*. A utilização da expressão aqui significa que houve total “raspagem” (apagamento) dos caracteres anteriores, ignorando os processos de escrita ocorridos. Para Clarissa Moreira (2004) o termo *tabula rasa*, utilizado em determinadas práticas urbanísticas, corresponde a uma intenção de transformar a cidade demolindo partes dela, ou sua totalidade, para a criação do novo.

Tal processo de transformação espacial eliminou partes significativas da memória e da história da cidade. Para as novas gerações essa “dissolução das coisas” faz parte da normalidade, implicando a noção de que “tudo é novo, descartável, passível de transformação pela completa destruição do antigo” (ALVES, 2004, p. 286). Esse processo, ainda segundo a autora, impede a “construção de uma consciência espacial dos processos de constituição da vida urbana e, logo, da possibilidade de resistência ao que é imposto” (ALVES, 2004, p. 286).

São Paulo teve uma dinâmica impressionante. Na ânsia pela modernidade foram alteradas partes significativas da cidade. No século XIX, São Paulo era envolvida e rodeada por chácaras, sítios, povoados paupérrimos e antigos aldeamentos, quando ocorreram transformações abruptas em virtude da chegada da linha férrea e das indústrias, favorecendo o grande adensamento urbano. Nesse momento, a cidade, feita de taipa e pau-a-pique, foi reconstruída integralmente com influência da arquitetura europeia (TOLEDO, 2007).

Nas décadas de 1960 e 1970 novas mudanças bruscas ocorreram, conjuntamente com o apogeu industrial, quando houve um grande aumento da população e a expansão das periferias da cidade; esta foi sendo novamente reconstruída. Nesse momento os vestígios de tempos passados competiam pela sobrevivência em uma cidade marcada pela ânsia da modernidade. Tais transformações foram muito bem conhecidas na porção leste de São Paulo.

## A MEMÓRIA E OS LUGARES

De acordo com Michael Pollak (1992), a memória é constituída da lembrança dos acontecimentos, da recordação de pessoas, personagens e lugares. Os acontecimentos podem ser vividos individualmente ou pelo grupo ao qual a pessoa sente pertencer; porém existem acontecimentos de que a pessoa pode não ter participado, mas que, no seu imaginário, tomaram tamanho relevo que é quase impossível ela conseguir saber se participou ou não.

Michael Pollak (1989), reportando-se a Maurice Halbwachs (1990), enfatiza a importância dos diferentes pontos de referência – como monumentos, edificações, tradições e costumes, festas, músicas e culinárias – para a estruturação da nossa memória, os quais a inserem na coletividade à qual pertencemos. Nos dizeres de Halbwachs (1990, p. 143), “não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial”.

Existem lugares da memória, que são particularmente ligados a uma lembrança, a qual pode ser pessoal ou uma lembrança que não possui apoio no tempo cronológico, e existem lugares que são lugares de comemoração e que podem servir de base a uma relembração de um período vivido, de fato, ou vivido pelas gerações antecedentes (POLLAK, 1992).

Para Pierre Nora (1993), os lugares da memória são carregados de sentidos que ampliam os seus significados e sua existência. Em seus dizeres:

São lugares com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diferentes. Mesmo um lugar de aparência puramente material [...] só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece um exemplo extremo de uma significação simbólica, é ao mesmo tempo o recorte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, para uma chamada concentrada da lembrança. Os três aspectos coexistem sempre (NORA, 1993, p. 21-22).

As memórias encontram nos objetos materiais uma capacidade de evocação, e esses elementos servem de suporte para a memória. O patrimônio, expresso nas edificações e nos espaços da cidade, suporte de memórias, é um valioso recurso para o estudo das diversas “escritas” da cidade.

## PATRIMÔNIO PERIFÉRICO

A zona leste da cidade de São Paulo possui um patrimônio altamente significativo, de grande amplitude temporal e fortemente ameaçado, sobretudo por conta da multiplicidade de interesses e da falta de preocupação em conservar o passado<sup>4</sup>. As dinâmicas que ali ocorreram contribuíram para tal conformação.

A região contém testemunhos que remetem à colonização europeia do século XVI até momentos posteriores à industrialização, no século XX, dos quais se destacam as antigas capelas coloniais, como a capela de São Miguel (século XVI) e de Nossa Senhora da Biacica (século XVII), as igrejas da Penha (século XVII) e dos Homens Pretos (século XIX), estruturas industriais e estruturas de fabrico de tijolos e extração de areia (século XX). Todavia há testemunhos que se transformaram em ruínas em tempos recentes, apesar do tombamento e das reivindicações populares<sup>5</sup>. Temos como exemplo o Engenho do Sítio Piraquara (século XVI), a Casa Sede do Sítio Mirim (século XVII) – ambos do início da colonização paulista –, o Casarão da Família Silva Jardim e o Casarão Faleiros (do século XX), assim como inúmeras edificações de tempos mais recentes (séculos XIX e XX). Tais locais aludem às principais dinâmicas ocorridas na região (MORCELLI, 2013).

Isso demonstra que as medidas de proteção ao patrimônio não possuem efetividade na região, já que prédios tombados estão em ruínas ou sofreram significativas alterações; o processo de identificação e proteção ocorre sem o envolvimento das comunidades que os detêm. Muitos registros históricos são eliminados para a construção do novo. A memória local é volátil, não resguarda seus vestígios, e as transformações são muitas e rápidas (MORCELLI, 2013). Desses elementos, merecem destaque o Sítio Mirim e o Sítio Piraquara.

## O SÍTIO MIRIM E O SÍTIO PIRAQUARA

Nas proximidades do Jardim Pantanal, às margens do Rio Tietê e da linha férrea, em uma colina com vistas para a planície de inundação e a cidade de Guarulhos, estão as ruínas da Casa Sede do Sítio Mirim (figuras 1 e 2). Elas são importante testemunho do passado paulista, vestígios do período de colonização, de um passado de sítios e chácaras.

Construída com mão de obra indígena no século XVII, em taipa de pilão, o Sítio Mirim<sup>6</sup> foi um antigo ponto de paragem, venda e hospedaria que servia aos tropeiros e também ponto importante de apoio para os exploradores de ouro e para aqueles que navegavam o Tietê. É um importante marco da transformação da São Paulo indígena em

<sup>4</sup> Sobre o patrimônio da zona leste da cidade de São Paulo e as dinâmicas ocorridas na região, consultar Morcelli (2013).

<sup>5</sup> Sobre o processo de “apagamento” da memória da região e as dificuldades de manutenção do patrimônio, consultar Morcelli (2013).

<sup>6</sup> Para mais informações sobre o Sítio Mirim, consultar: NASCIMENTO, Silvia Haskel Pereira do. Sítio Mirim: algumas considerações sobre sua história. **Revista do Arquivo Municipal de São Paulo**, São Paulo (Departamento do Patrimônio Histórico), v. 197, 1986.

uma São Paulo cercada por fazendas coloniais, fruto da apropriação dos aldeamentos, e testemunho de uma outra transformação que seguiu adiante com a chegada da linha férrea e da industrialização na região, no século XX, culminando com o loteamento do Sítio Mirim, que foi dando origem a diversos bairros (MORCELLI, 2013). Conforme Damiani (2004), evocando Pierre Monbeig (1953):

A maior parte do tempo os novos bairros nasceram ao acaso. Com a morte de um dos proprietários das velhas chácaras, seus herdeiros, ao invés de conservá-la em comum, ou quase intacta, decidiam dividi-la em parcelas e a colocar para venda. [...] Às vezes [...] o próprio proprietário tomava a decisão de dividir e de vender a propriedade. [...] O hábito prevaleceu desde então [...], cada um loteava isoladamente, sem preocupação urbanística, traçando as ruas o mais simples possível e preocupando-se, sobretudo, em lucrar [...] (MONBEIG, 1953<sup>7</sup> *apud* DAMIANI, 2004, p. 35-36).

Suas ruínas, sem proteção efetiva, estão ameaçadas de desaparecer, e com elas as memórias desse sítio. A degradação dos vestígios avança consideravelmente. Aos poucos os depredadores, as formigas e as águas vão dissolvendo os resquícios das paredes de taipa.

**Figuras 1 e 2** – Aspectos do local e das ruínas das paredes de taipa da Casa Sede do Sítio Mirim (século XVII)



Fonte: Danilo Morcelli (2014). Acervo pessoal

Desde as primeiras iniciativas de proteção a esse remanescente, na década de 1960, sua conservação é um dilema e divide interesses. Por vezes movimentos da comunidade reivindicaram algum tipo de ação imediata ou até mesmo a reconstrução da casa. Outras vezes, alegando o abandono do espaço, a população pleiteou o terreno para a construção de moradias populares, assim como para a construção de uma estação de trem (MORCELLI, 2013).

Sua proteção pelas três esferas de poder parece garantir sua conservação, mas não é o que ocorre na prática, dado que essa proteção nunca se efetivou. Em 1973 a construção foi tombada em instância federal. Em 1975 o imóvel foi desapropriado pela prefeitura. Em 1982 foi tombado *ex officio* em âmbito estadual, e em âmbito municipal em 1991.

<sup>7</sup> MONBEIG, Pierre. La croissance de la ville de São Paulo. **Revue de Géographie Alpine**, Grenoble, Institut de Géographie Alpine, Université de Grenoble, tomo XLI, fascículos I e II, 1953. p. 95-96.

Esse não é o único local protegido legalmente, na região, que se transformou em ruínas. Nas proximidades do Sítio Mirim estava o Engenho do Sítio Piraquara, outro testemunho significativo do passado paulista. Também fruto da apropriação dos aldeamentos, suas terras ao longo dos séculos foram loteadas e deram origem a diversos bairros. O engenho, de acordo com Luís Saia (1967), construído no século XVI em taipa, com mão de obra indígena, era um importante testemunho do ciclo do açúcar na cidade.

A degradação do engenho ocorreu entre 1960 e 1980, culminando com seu arruinamento em função do abandono e da depredação. Em 1976 foi tema de uma reportagem do *Jornal da Tarde*<sup>8</sup>, quando parte da construção já havia desabado. Restavam pedaços das paredes de taipa, uma janela original e seus batentes. Havia peças de engenho e moagem de cana, alambique, pilões para moer grãos e outros objetos e mobiliário antigo, assim como uma capela em homenagem a Bom Jesus de Pirapora, com uma reforma datada de 1854<sup>9</sup>.

Na década de 1940 ocorreram estudos para seu tombamento em âmbito federal. Bastante degradado, em 1984 houve o tombamento em instância estadual. Em 1991 houve o tombamento *ex officio* em âmbito municipal, sendo revogado em 1992 diante do desaparecimento da construção. Em 1997 foi revogado o tombamento em âmbito estadual. Em 2003, o governo estadual destinou o terreno para implantação de um programa habitacional.

## SÃO PAULO, EXERCÍCIOS DE DESMEMÓRIA

A cidade de São Paulo é comumente retratada como um núcleo, em seus primórdios, que se expandiu ao longo dos séculos, vindo a ocupar no século XX seus antigos arrabaldes, onde até então “nada existia”. Essa noção é um tanto quanto perversa para a memória da cidade.

Bem sabemos, e a presença de testemunhos vem reforçar, que a cidade foi formada por antigos núcleos, em sua maioria de origens indígenas, os quais, por conta de suas transformações, se expandiram e se adensaram ao longo dos séculos, formando um contínuo com o núcleo mais urbanizado constituído ao redor da igreja e do colégio dos jesuítas.

Rumo ao leste da cidade estão Tatuapé, Penha, São Miguel, Itaim, Itaquera, porção que começou a ser conformada quando nas margens do Rio Tietê os jesuítas encontraram um grupo de índios dissidentes da transferência da Vila de Santo André para São Paulo, sendo formado o aldeamento de São Miguel do Ururaí, no século XVI. Ao longo dos séculos a região foi sendo apropriada pelos colonizadores e se formaram fazendas de cultivo, extração de minérios e pastos, quando no fim do século XIX e início do XX houve a chegada da linha férrea e da industrialização, promovendo um grande afluxo de migrantes e imigrantes e transformando significativamente as feições da região (BOMTEMPI, 1970; MORCELLI, 2013).

Essa região, já amplamente utilizada pelos indígenas, começou a ser conformada desde a colonização do planalto paulista, e é contemporânea ao núcleo central da cidade de São Paulo, estabelecendo relações com este ao longo dos séculos. Existem marcas desse processo que ainda perduram. Com a industrialização em meados do século XX, sob a

<sup>8</sup> VENTURA, Cássio. Memória: Engenho foi demolido nos anos 70. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 1976. Seu Bairro.

<sup>9</sup> No acervo fotográfico do Arquivo Histórico de São Paulo encontram-se fotografias datadas do ano de 1972 em que é possível ver a moenda e aspectos da construção, assim como vestígios de outros elementos pelo terreno, inclusive a capela.

ótica do progresso, teve início um processo de apagamento da memória da região e de seus suportes físicos, perdurando até tempos recentes.

Tal processo culminou com a destruição de partes significativas da memória e dos testemunhos históricos da cidade de São Paulo e seus arrabaldes, um processo de apagamento não só da memória expressa nos espaços construídos, como das tradições associadas a esses locais, ocorrendo a sobreposição de novas memórias, de modo a gerar a noção de que muitos locais possuem uma história recente.

Há nessa região relevantes testemunhos dos quais restam poucas lembranças. Às margens do Rio Tietê existe uma série de vestígios industriais. O mais notório dentre eles é uma isolada chaminé em estado ruinoso (figura 3) e um muro de pedra, presente em um terreno plano, junto à linha férrea, nas proximidades de onde se localizava o antigo Engenho do Sítio Piraquara.

A construção é um emblema, pois a comunidade local não guarda lembranças do funcionamento dessa antiga instalação industrial, do seu nome, data de fundação, período de funcionamento, atividades ou produtos fabricados. Uma pesquisa em acervos locais<sup>10</sup> ou nos arquivos públicos não logra êxito e não nos fornece indícios sobre as atividades ali ocorridas.

**Figura 3** – Chaminé bastante degradada



Fonte: Danilo Morcelli (2013). Acervo pessoal

<sup>10</sup> O cineasta Jércio Tanjoni faz um bucólico relato da região em meados dos anos 1980 no documentário *O folclore de Engenheiro Goulart*, quando ainda existiam alguns vestígios das paredes da construção em adiantado estágio de degradação. Fotografias aéreas, provenientes do levantamento aerofotogramétrico comemorativo do IV centenário da cidade de São Paulo, realizadas entre 1954-1956, consultadas no Instituto Geográfico e Cartográfico do Estado de São Paulo, mostram a edificação.

Existem apenas informações esparsas sobre seu passado. Há indícios de que no local funcionou uma indústria cerâmica, conforme acreditam os moradores locais, tendo suas atividades se iniciado em meados dos anos 1920, antes da chegada das principais indústrias na região. De acordo com relato de moradores antigos, em meados da década de 1940 a indústria já não estava mais em funcionamento. Sua existência se justificaria pela demanda local por cerâmicas variadas, inclusive tijolos, para as construções da cidade como um todo e para as próprias instalações das Fábricas Matarazzo na região. Memorialistas locais acreditam que a indústria possuía relações com o engenho, atuando no processamento do açúcar, no entanto não têm maiores lembranças.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na dinâmica de São Paulo está um processo de contínua destruição e reconstrução da cidade ao longo dos séculos. O fazer de *tabula rasa* e a velocidade das transformações ocorridas na cidade têm apagado memórias e seus suportes, e com elas os sentidos de identidade e singularidade que caracterizam a região, produzindo a ideia de que tudo é novo e passível de ser substituído. A prática é particularmente danosa para a memória de São Paulo.

Sob o signo da *tabula rasa*, testemunhos que foram considerados um dia de expressiva relevância para a memória e para a história – tanto é que receberam o título de patrimônio protegido, sendo inscritos no Livro do Tombo – e que permitem leituras das diferentes dinâmicas ocorridas possuem pouca garantia de sobrevivência.

Longe de evidenciar as partes “apagadas”, propõe-se aqui olhar a cidade como um palimpsesto, por meio de um recorte memorialístico, evidenciando as dinâmicas ocorridas em seu processo de constituição e ponderando sobre elas. Refletir sobre aspectos do passado da cidade é refletir também sobre seu presente e projetar seu futuro.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Glória. Paisagens metropolitanas. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino (Orgs.). **Geografias de São Paulo: a metrópole no século XXI**. São Paulo: Contexto, 2004. v. 2.

BENEVOLO, Leonardo. Apresentação. In: TOLEDO, Benedito Lima. **São Paulo: três cidades em um século**. 4. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007. p. 8-9.

BOMTEMPI, Sylvio. **O bairro de São Miguel Paulista**. São Paulo: Secretaria de Educação e Cultura; Prefeitura do Município de São Paulo, 1970.

DAMIANI, Amélia Luisa. Urbanização crítica e situação geográfica a partir da metrópole de São Paulo. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino (Orgs.). **Geografias de São Paulo: representação e crise da metrópole**. São Paulo: Contexto, 2004. v. 1.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

MONBEIG, Pierre. La croissance de la ville de São Paulo. **Revue de Géographie Alpine**, Grenoble, Institut de Géographie Alpine, Université de Grenoble, tomo XLI, fascículos I e II, 1953.

MORCELLI, Danilo da Costa. **Paisagens paulistanas, memória e patrimônio às margens do Rio Tietê**. 2013. 123 f. Dissertação (Mestrado em Ciências)–Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

MOREIRA, Clarissa da Costa. **A cidade contemporânea entre a *tabula rasa* e a preservação**: cenários para o porto do Rio de Janeiro. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. *In*: PELEGRINI, Sandra; ZANIRATO, Silvia Helena (Orgs.). **Narrativas da pós-modernidade na pesquisa histórica**. Maringá: Eduem, 2005.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

\_\_\_\_\_. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SAIA, Luís. A arquitetura em São Paulo. *In*: BRUNO, Ernani da Silva (Org.). **São Paulo, terra e povo**. Porto Alegre: Globo, 1967.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo – razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2002.

TOLEDO, Benedito Lima de. **São Paulo: três cidades em um século**. 4. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

VENTURA, Cássio. Memória: Engenho foi demolido nos anos 70. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 1976. Seu Bairro.